



A REPRESENTAÇÃO DOS INTERESSES POLÍTICOS EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

Edson Mendes de Sousa

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar, no contexto do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, publicado em 1915, as representações dos interesses políticos, desde as inter-relações humanas nas diversas microssociedades em que os personagens se encontram inseridos até os interesses obscuros dos políticos ao se proporem a concorrer a um cargo público eletivo, associando-os com episódios reais da história do país. A partir de uma abordagem qualitativa e método exploratório da obra, ao final do romance, conclui-se que a política no Brasil se transformou num objeto de satisfação do ego dos próprios políticos que fazem de tudo para se perpetuarem no poder, violando a ética e o compromisso que assumem quando se lançam candidatos. Conforme seus biógrafos, Lima Barreto dedicou seu talento de escritor a lutar por justiça social, empenhando-se numa literatura *autodeterminada militante*, como afirma Lilia Schwarcz (2017). De fato, conhecendo algumas de suas obras, tais como *Os Bruzundangas*, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, dentre outras, notamos essa militância que o escritor exercia. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, ele busca abordar o comportamento social, especialmente dos subúrbios cariocas, a cultura e a política, sendo, pois, esta última, objeto da presente análise. Para fundamentar nosso estudo, baseamo-nos em estudiosos como Lilia Schwarcz (2017), Arnaldo Franco Jr. (2009), teórico literário, e Laurentino Gomes (2014), historiador, dentre outros.

Palavras Chave: Interesses Políticos; Policarpo Quaresma; Representação; Literatura Brasileira; Lima Barreto.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar, en el contexto de la novela de Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, publicada en 1915, las representaciones de los intereses políticos, desde las interrelaciones humanas en las diversas micro sociedades en las que se insertan los personajes, incluso los oscuros intereses de los políticos al proponer postularse para un cargo público electivo, asociándolos con episodios reales en la historia de nuestro país y dibujando un panorama con la política brasileña a lo largo del tiempo hasta nuestros días. Desde un enfoque cualitativo y un método exploratorio del trabajo, al final, se concluye que la política en Brasil se ha convertido en un objeto de satisfacción del ego de los propios políticos que hacen todo lo posible para se perpetuaren en el poder, violando la ética y el compromiso conjunto que asumen cuando del lanzamiento de su candidatura. El escritor, Lima Barreto, dedicó su talento para escribir la luchar por la justicia social empeñándose en una literatura *auto determinada militante*, como dice su biógrafa Lilia Schwarcz (2017). De hecho, al conocer algunas de sus obras, como *Os Bruzundangas*, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, entre otras, notamos esa militancia que él ejerció. En *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, él busca abordar el comportamiento social, especialmente en los suburbios del Rio de Janeiro, la cultura y la política, siendo esta última el objeto del presente análisis. Para apoyar nuestro estudio, confiamos en estudiosos como Lilia Schwarcz, biógrafa del autor, Arnaldo Franco Jr. (2009), teórico literario, y Laurentino Gomes (2014), historiador, entre otros.

Palabras clave: intereses políticos; Policarpo Quaresma; Representación; Literatura brasileña; Lima Barreto.

Edson Mendes de Sousa é acadêmico do curso de Letras - Português/Espanhol do câmpus de Aquidauana da UFMS.

E-mail: sgtedsonmendes83@gmail.com



INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as representações dos interesses políticos no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (2011), publicado em 1915, de Lima Barreto, desde as inter-relações humanas no ambiente de trabalho, por exemplo, em que a ascensão de um pode despertar a inveja em outros, até a ganância pelo poder, evidenciada nos comportamentos daqueles que se propõem a dedicar suas vidas à administração pública, teoricamente em prol de um bem comum.

Nas décadas finais do século XIX, o Brasil passou por uma profunda e significativa mudança social e política. Em meados do ano de 1888, a Princesa Isabel assinou a lei que libertou os últimos escravos que aqui ainda existiam e no ano seguinte o país deixou de ser uma Monarquia Parlamentarista para ser uma República Presidencialista. A República chegou prometendo ao povo como um todo uma maior participação nas decisões sobre os novos rumos do país e o fim de regalias oligárquicas comuns nos períodos Colonial e Imperial, mas, no romance, como veremos, isso não aconteceu.

Socialmente o que realmente aconteceu foi a permanência dos mesmos privilégios para alguns e o esquecimento da maioria. Já no meio político, a administração pública federal apenas transferiu as regalias e o controle financeiro e político do país, que no Brasil Imperial pertenciam aos barões do café do Vale do Paraíba para os “fazendeiros do Oeste Paulista e de Minas Gerais” (GOMES, 2014, p. 30).

A vacância do cargo de mandatário do país despertou interesses pelo poder e em decorrência disso surgiram revoltas como a Revolução Federalista, nos estados do Sul, e a Revolta da Armada, na Capital, primeiras lutas armadas do período republicano.

É nesse contexto que se insere a obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, que, apesar de ficcional, incorpora

vários fatos da história do país. O escritor nasceu sete anos antes da abolição da escravidão e oito anos antes da mudança do regime de governo. Sobre este último episódio, certamente na época não entendeu muita coisa, aliás, nem mesmo os adultos o entenderam, pois aconteceu de forma rápida e sem muita resistência.

Dessa forma, com o objetivo de analisar a representação desses interesses políticos no romance selecionado, no tópico seguinte, propomos-nos a explanar sobre os pressupostos teóricos, pelos quais buscamos esclarecer os conceitos de *representação* e de *narrador*, os quais julgamos importantes para o entendimento de nossa visão na análise da obra.

Em seguida, nas notas biobibliográficas, buscaremos ressaltar alguns pontos importantes da vida do autor e suas obras literárias mais importantes, apontando seus temas mais recorrentes.

No item dedicado às análises propriamente ditas, buscaremos explorar o texto de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, destacando alguns pontos e analisando o interesse político ali evidenciado.

Por fim, nas conclusões, podemos adiantar que, segundo nosso entendimento, a visão que a obra projeta é que há muito e muito tempo a *política* afastou-se de seus dois eixos principais, a *ética*, que se preocupa com o bem-estar individual de cada cidadão, e a própria *política* que se encarrega do bem-estar coletivo, como defendia Aristóteles, tornando-se um instrumento de satisfação pessoal de políticos para satisfazer seus próprios egos e saciar suas sedes de poder.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para entender como se dá a representação política que Lima Barreto faz em seu romance, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, é de fundamental importância discutir justamente o



conceito de *representação* num texto literário e suas implicações para as análises do referido texto quando este se refere a um fato histórico.

Existem diversos textos que discutem justamente este conceito sob perspectivas diversas, pois a representação não se dá somente na forma textual de incorporação e reapresentação de fatos, que é a que vai nos interessar neste trabalho, mas também por convenções legais e sociais, como esclarece Mata (2011). Porém, para o contexto literário, destacamos o conceito de representação definido por Lopes e Reis (2007), que é o que mais se aproxima do que tentamos esclarecer aqui:

Termo afectado por uma certa polissemia, em parte suscitada pela sua vasta projecção no campo dos estudos literários, a representação remonta, enquanto conceito a definir, às reflexões platónicas e aristotélicas sobre os procedimentos imitativos adoptados pelos discursos de índole estético-verbal (LOPES; REIS, 2007, p. 354).

Segundo essa definição, a representação, na forma textual, quando remonta a um fato histórico, projeta-o e reapresenta-o conforme uma determinada visão construída no sistema narrativo. A respeito dessa reapresentação de fatos históricos no texto literário, temos que considerar ainda que ela vai estar envolvida pelas percepções particulares do narrador (essa entidade que só existe no texto e não deve ser confundida com o autor), pois é por meio dele que iremos tomar conhecimento da visão que se constrói ali. Devemos considerar também que a representação, pela própria carga semântica da palavra, não traduz, é claro, *ipsis litteris*, a realidade. Ou seja, por mais que o narrador se esforce por relacionar o texto com o contexto, a representação nunca corresponderá exatamente à realidade dos fatos, uma vez que qualquer aspecto ali está impregnado por determinada visão das coisas.

Outro conceito importante é o de *narrador* que, no caso do romance em questão, apresenta-se como aquele que participa ativamente da narrativa, a qual demonstra um foco narrativo caracterizado por um *autor onisciente intruso*, isto é, denota “o narrador que adota um ponto de vista divino, para além de seu tempo e espaço” (JUNIOR, 2009, p. 42). Esse narrador onisciente, no caso do romance em estudo, apresenta-se em 3ª pessoa, mas, em determinados momentos, acontecem certas intromissões em 1ª pessoa, inclusive julgando ações de personagens.

Também devemos ter o cuidado, como ressaltamos antes, de separar a figura do narrador daquela do autor, entidades que não se pode confundir, ainda que, em alguns casos, estejam muito próximos um do outro. Segundo Franco Junior (2009, p. 42), “autor é aquele que cria o texto e narrador é uma personagem que se caracteriza pela função de, num plano interno à própria narrativa, contar a história presente num texto narrativo”.

Ainda que alguns biógrafos de Lima Barreto destaquem que sua literatura era “autodeterminada militante e biográfica” (SCHWARCZ, 2017, p. 18) e que conhecendo suas obras podemos realmente constatar isso, devemos considerar que há sempre um distanciamento da narrativa (ficção) para o fato narrado (o fato histórico), sobretudo quando o narrador é onisciente, como acontece no caso de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

2 NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS

De origem humilde, Lima Barreto nasceu em 13 maio de 1881, filho de João Henriques de Lima Barreto, funcionário da Imprensa Nacional, mulato, cujo pai - um português - nunca lhe reconheceu a paternidade, e de Amália Augusta, professora, também mulata, “criada como uma espécie de agregada da família dos Pereira de Carvalho” (ENGEL, 2008, p. 15).



Ficou órfão de mãe ainda aos seis anos de idade. No dia em que completava sete anos, acompanhado do pai, participou das comemorações da abolição da escravatura, sem entender direito do que se tratava, pois até o momento não sabia ao certo o que era a escravidão: “[...]de fato nunca havia visto escravos, já que eles não eram frequentes na cidade do Rio por aquela época, sendo considerados símbolos de provincianismo e atraso, inadequados a um grande centro” (BASTOS, 2013, s.p.).

No ano seguinte aconteceu a Proclamação da República, um episódio também não compreendido pelo menino, talvez até mesmo imperceptível, uma vez que não foi festejado como a abolição, nem mesmo pelos próprios adultos que assistiam atônitos:

Quando em 1889, o senhor Marechal Deodoro proclamou a República, eu era menino de oito anos. Embora fosse tenra a idade em que estava, dessa época e de algumas anteriores eu tinha algumas recordações. Das festas por ocasião da passagem da Lei de 13 de maio ainda tenho vivas recordações; mas da tal história da proclamação da República só me lembro que as patrulhas andavam nas ruas armadas de carabina e meu pai foi, alguns meses depois, demitido do lugar que tinha. E é só (BARRETO, 1918, apud SCHWARCZ, 2017, p. 18).

Esses dois acontecimentos importantes na história do país indiscutivelmente marcaram a vida do autor, assim como de tantas outras pessoas, embora em visão retrospectiva. Mais tarde ele viria a representá-los em suas obras, destacando seus efeitos na sua própria vida e na da sociedade como um todo, sobretudo a chegada da República, que prometera grandes mudanças sociais e, no entanto, nada mudou, conforme sua biógrafa afirma: “[...] a República disse ter inaugurado um regime de liberdade e igualdade, mas ignorou o segundo princípio. O Brasil continuava racista, deixava persistir

práticas que vinham da época do cativeiro [...]” (SCHWARCZ, 2017, p. 14).

Sobre a política, Lima Barreto era categórico: não gostava nem um pouco e evitava tratar do assunto, especialmente o regime Republicano, em que, segundo sua opinião, não se via uma dedicação por parte do político que não fosse em defender os próprios interesses e em benefício dos mais ricos, sendo isto recorrente até mesmo na Revolução Francesa. No entanto, na qualidade de escritor, via-se obrigado a expressar sua opinião sobre ela:

A República no Brasil é o regime da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja deles e, para que não haja divergências, há a “verba secreta”, os reservados deste ou daquele Ministério e os empreguinhos que os medíocres não sabem conquistar por si e com independência (BARRETO, 1918, apud SCHWARCZ, 2017, p. 8).

Frequentou colégios conceituados, tais como o Liceu Niteroiense e o Paula Freitas. Já em 1897 ingressou na Escola Politécnica, no centro da Capital, instituição de ensino superior, no curso de engenharia. Ali o jovem enfrentou o racismo e começou a consolidar sua visão da sociedade e da política da época. Foi alvo de antipatia por parte de colegas por causa de sua cor e, por ter pensamento independente, também foi vítima de perseguição de alguns professores.

Devido aos transtornos mentais de seu pai em decorrência de seu emprego na Colônia dos Alienados na Ilha do Governador, Lima Barreto se viu obrigado a largar os estudos e arrumar emprego. Foi então que prestou concurso público e foi aprovado para a área administrativa do Ministério da Guerra em meados de 1904.

No ano seguinte fez suas primeiras incursões no mundo jornalístico, escrevendo



para o jornal *Correio da Manhã*, uma série de crônicas sobre a demolição do Morro do Castelo, obra do então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, que buscava modernizar o centro da então Capital. Em 1907 fundou sua própria revista, a *Floreal*, em parceria “com outros intelectuais que se reuniam no Café Papagaio e se intitulavam *Esplendor dos Amanuenses*” (ENGEL, 2008, p. 16). Porém, a vida desta revista foi curta, desapareceu no ano seguinte, tendo apenas quatro tiragens.

No mundo literário Lima Barreto estreou em 1909, publicando em volume o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que teve alguns capítulos na revista *Floreal* dois anos antes. Nesse romance o escritor expôs o jogo de interesses no mundo da imprensa exercido na época pelo poderoso jornal *Correio da Manhã*, representado na trama pelo fictício jornal *O Globo*: “[...] o jornal ficcional *O Globo*, seus jornalistas e os que os cercavam nada mais seriam do que o travestimento do poderoso jornal *Correio da Manhã* [...]” (HOSSNE, 2002, p. 53).

Seu livro mais conhecido, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, foi publicado inicialmente em 1911, em folhetim, e depois em volume em 1915, mesmo ano em que publicou também *Numa e Ninfa*. De autoria do autor ainda temos *Vida e Morte de M. J. de Sá*, publicado em 1914, dentre outros, e publicações póstumas, como *Clara dos Anjos*, *Os Bruzundangas*, *Cemitério dos Vivos* etc., e ainda muitas crônicas, artigos e matérias diversas para os jornais e revistas de sua época.

Lima Barreto, assim como seu pai e seu personagem Policarpo Quaresma, também esteve internado em hospício por duas vezes, em 1914 e em 1919, em decorrência do consumo excessivo de álcool. Morreu, de infarto, em primeiro de novembro de 1922, dois dias antes de seu pai e nove meses após a *Semana de Arte Moderna*, idealizada e

organizada por intelectuais modernistas de São Paulo, realizada entre os dias 11 e 18 de fevereiro do mesmo ano.

Seus personagens eram pessoas comuns que, assim como ele, habitavam o subúrbio da então capital do país. Com estas pessoas ele costumava dividir espaço nos bondes, no trabalho, nas ruas e nos comércios da cidade. O convívio social de Lima Barreto rendeu-lhe alguns de seus protagonistas e coadjuvantes, aliás, era aí, observando esse ambiente, que ele buscava elementos para escrever suas críticas em geral:

Era no vagão de segunda classe, frequentado cotidianamente, que ele tinha a oportunidade de observar melhor a realidade dos humildes e infelizes, e achava fermento para seus grandes personagens: modinheiros, donas de casa, mocinhas sonhadoras, funcionários públicos, boêmios simpáticos, andarilhos filósofos, donos de bar tagarela, trabalhadores que encontravam emprego no centro da cidade (SCHWARCZ, 2017, p. 10).

Pode-se perceber que duas de suas maiores obras são fundamentadas nos seus dois principais ambientes de trabalho: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que representa o meio jornalístico e a imprensa como um todo, e o próprio *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que representa a administração pública militar, na qual o personagem principal fez carreira, assim como também o próprio autor. Já no romance *Clara dos Anjos*, temos a personagem *Dona Salustiana*, cujo pai também tinha a mesma profissão de Lima Barreto e seu personagem Policarpo Quaresma: “quando se lhe perguntava – seu pai, o que era? – Dona Salustiana respondia: era do Exército; e torcia a conversa. Não era seu pai exatamente do Exército. Fora simplesmente escriturário do Arsenal de Guerra” (BARRETO, 2011a, p. 12).

Aos escritores, outra classe com a qual ele também conviveu, foi direcionada uma crítica que se mostra bastante evidente em *Os*



Bruzundangas. Nela, Lima Barreto externa seu descontentamento com os escritores da época que, no seu entendimento, escreviam apenas para satisfazer o gosto apurado da sociedade privilegiada, usando de linguagem refinada, incompreensível para aqueles leitores mais simples e que justamente por esse refinamento eram admirados: “quanto mais incompreensível é ela, mais admirado é o escritor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito” (BARRETO, 2001, p. 9).

Lima Barreto, ainda conforme seus biógrafos e críticos já citados, acreditava que o dom da literatura deveria ser usado para expor os problemas da sociedade, aspecto que, em sua época, era bem mais latente que atualmente, pois o Brasil havia libertado seus escravos recentemente e buscava a todo custo copiar a sociedade das grandes potências europeias.

A crítica a escritores e a jornalistas da época em suas obras custou-lhe o reconhecimento literário com o qual tanto sonhou em vida, posto que este veio somente cerca de trinta anos depois de sua morte.

3 A POLÍTICA EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

A abordagem crítica da política em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* constrói uma visão de desprezo do escritor pela República na narrativa, *o regime da corrupção*, segundo ele, e pelos militares, que a trouxeram sem que ela fosse um anseio do povo. A República constituiu-se, assim, para muitos, mais como um infortúnio que uma dádiva, e, entre esses muitos, sua própria família, já que com a troca de regime de governo seu pai perdera o emprego de tipógrafo na Imprensa Nacional por sua identificação com a Monarquia.

Assim, a administração política do início da República no Brasil, a cargo dos militares, é satirizada por meio de personagens de altas patentes que não têm competência para ocupar

os postos em que se encontram, galgando graus hierárquicos possivelmente por meio de indicações, acertos políticos ou bajulações. O *General Albernaz* é um deles, como sugere o *arranjo de pistolões* em trecho do romance:

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. [...] O altissonante título de general, que lembrava coisas sobre-humanas dos Césares, dos Turennes e dos Gustavos Adolfos, ficava mal naquele homem plácido, medíocre, bonachão cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar *pistolões* para fazer passar o filho nos exames do Colégio Militar (BARRETO, 2011, p. 34)

Como podemos ver aqui, a crítica se traduz desde na referência ao uniforme do personagem que, tal como as ações que ele próprio alardeia em suas falas em público, talvez nem sequer exista, além de no pomposo título que ostenta. Além disso, também aparece no trecho a essência interesseira sob a aparência virtuosa.

O personagem Almirante Caldas era outro desses militares, porém, também se sentia prejudicado pelo favorecimento de uns em detrimento de outros. “É curiosa essa coisa de administrações militares: as comissões são merecimento, mas só se as dá aos protegidos” (BARRETO, 2011, p. 51), dizia o velho almirante. No entanto, no romance, podemos perceber, pela trajetória do próprio Caldas, que seu posto de Almirante já era um grande exagero.

Já as relações sociais evidenciadas no romance sugerem um ambiente dominado pela cobiça, egoísmo e ganância. Quaresma se vê envolvido nessa atmosfera na ocasião em que se dirige à Câmara dos Deputados para sugerir a mudança do idioma oficial do país do português para o Tupi:



A brusca popularidade de Quaresma, o seu sucesso e nomeada efêmera irritaram os seus colegas e superiores. Já se viu! dizia o secretário. Este tolo dirigir-se ao Congresso e propor alguma cousa! Pretensioso! O diretor, ao passar pela secretaria, olhava-o de soslaio e sentia que o regulamento não cogitasse do caso para lhe infligir uma censura. O colega arquivista era o menos terrível, mas chamou-o logo de doido (BARRETO, 2011, p. 63).

Podemos perceber, no trecho destacado, que seus colegas, desde os arquivistas, amanuenses – galés, tal como o protagonista – ou seja, escravos, como o narrador afirma no romance, e até mesmo o diretor, temeram que isso pudesse lhes render algum reconhecimento e assim ele viesse a se sobressair entre os demais.

Já sobre a política nas pequenas cidades, o narrador destaca a influência que ela tinha na vida das pessoas, mesmo entre as mais simples, de modo que, até mesmo quem procurava não se envolver, acabava sendo de alguma forma abraçado por ela. Isso fica claro na fala do personagem *tenente Antônio Dutra*, um dos líderes políticos da pequena cidade de Curuzu, onde Quaresma buscou refúgio por ocasião de sua aposentadoria compulsória: “na nossa terra não se vive senão de política, fora disso, babal [...]” (BARRETO, 2011, p. 94).

Ao se dar conta disso, o personagem Quaresma passa a refletir sobre as consequências do sufrágio universal, prometido e consolidado pela República, com a Constituição de 1891:

O escrivão afastou-se, desapareceu na estrada, e o major ficou a pensar no interesse estranho que essa gente punha nas lutas políticas, nessas tricas eleitorais, como se nelas houvesse qualquer cousa de vital e importante. Não atinava por que uma resinga entre dois figurões importantes¹ vinha pôr

desarmonia entre tanta gente, cuja vida estava tão fora da esfera daqueles [...]. O sufrágio universal pareceu-lhe um flagelo. (BARRETO, 2011, p. 95).

Percebemos aqui que, conforme o romance, o sufrágio universal não foi exatamente uma benesse para aqueles a quem buscava incluir. O poder de decisão sobre os rumos políticos do país deu aos mais pobres uma responsabilidade que os submeteria, paradoxalmente, à vontade dos mais ricos. Esse poder de tomar decisões fez surgir um novo modelo de escravidão, que se estende até os dias atuais, o chamado *curral eleitoral*, forma de subserviência a que estão submetidos os menos favorecidos economicamente, que se veem muitas vezes pressionados a seguir as convicções políticas de quem os emprega ou dá moradia.

A trama destaca ainda estratégias utilizadas para a consolidação do regime republicano. Uma delas foi a troca de nomes de ruas e monumentos que remetiam à monarquia. A pequena cidade fictícia de *Curuzu* também teve os nomes de suas duas principais ruas mudados: “a antiga (rua) chamava-se Marechal Deodoro, ex-imperador; e a nova, Marechal Floriano, ex-imperatriz” (BARRETO, 2011, p. 111).

Segundo Gomes (2014, p. 200), esta foi “uma das primeiras providências” do governo republicano, que pretendia com isso, não só exaltar o novo regime, mas também “[...] eliminar o mais rapidamente possível os vestígios da Monarquia” (GOMES, 2014, p. 201), efetivando, assim, a consolidação do novo regime.

Outra estratégia política evidenciada no romance que perdura até os dias atuais é a barganha do voto dos mais desfavorecidos economicamente por “favores” dos políticos,

¹ Os “figurões importantes”, na trama, eram um senador e o governador do estado, que brigavam pelo poder entre si.



muitas vezes até mesmo por ajudas financeiras custeadas com o próprio dinheiro público, que são os casos mais comuns até a atualidade. Na época da república velha era inconcebível aos políticos que alguém com algum poder aquisitivo desse qualquer tipo de amparo aos mais pobres sem nenhum interesse político, como aparece no trecho: “acreditavam todos que o major viera para ali no intuito de fazer política, tanto assim que dava esmolos, deixava o povo fazer lenha no seu mato, distribuía remédios homeopáticos... O Antonino afirmava que havia de desmascarar semelhante tartufo” (BARRETO, 2011, p. 119).

Aqui percebemos que os políticos tradicionais estão mais focados em manter seu domínio sobre o poder de decisão daqueles que têm direito ao voto do que governar em prol do povo como um todo.

Em seu romance *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, Lima Barreto já havia criticado o envolvimento dos grandes jornais de sua época com a política, tomando partido em disputas eleitorais, atacando alguns e defendendo os que melhor atendiam seus interesses. A mesma abordagem crítica se dá em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* quando o jornal da pequena cidade onde o personagem principal fixa sua nova morada, aliado a um político local, publica nota atacando-o por supor que ele viera morar ali com o intuito de fazer política:

O correio chegou e trouxe-lhe um jornal. Rasgou a cinta e leu o título. Era O município, órgão local, hebdomadário, filiado ao partido situacionista. [...] Pôs o Pince-nez, recostou-se na cadeira e desdobrou o jornal. [...] Começou a leitura. O artigo de fundo intitulava-se “Intrusos” e consistia em uma tremenda descompostura aos não nascidos no lugar que moravam nele - “verdadeiros estrangeiros que se vinham intrometer na vida particular e política da família curuzuense, perturbando-lhe a paz e a tranquilidade”.

Que diabo queria dizer aquilo? Ia deitar fora o jornaleco, quando lhe pareceu ler seu nome entre versos. Procurou o lugar e deu com estas quadrinhas:

POLÍTICA DE CURUZU

Quaresma, meu bem, Quaresma!

Quaresma do coração!

Deixa as batatas em paz

Deixa em paz o feijão.

Jeito não tens para isso

Quaresma, meu cocumbi!

Volta à mania antiga

De redigir em tupi.

Olho vivo (BARRETO, 2011, p. 118).

O que o narrador nos mostra é o perigo para a democracia quando a imprensa esquece o seu papel de bem informar seus leitores, atropelando seu compromisso ético com a verdade, favorecendo um lado em detrimento do outro.

Da política nacional, o narrador destaca alguns conflitos pelo poder que surgiram após a queda do Imperador, episódios reais inseridos no contexto do romance. A Revolta da Armada e a Revolução Federalista, conflitos armados enfrentados pelo governo de Floriano Peixoto, aparecem citadas juntas na trama de Lima Barreto no diálogo entre dois de seus personagens ao caminharem pela Quinta da Boa Vista, Almirante Caldas e General Albernaz, em que este último declara: “o homem deve estar atrapalhado... Já tinha o Rio Grande, agora o Custódio... hum!” (BARRETO, 2011, p. 139).

Cronologicamente, traçando um paralelo temporal da trama com a realidade, o episódio em que ocorre tal diálogo aconteceu por volta do mês de setembro de 1891, quando se iniciou a segunda Revolta da Armada, e o *homem* mencionado no discurso do General Albernaz era o então Presidente Floriano Peixoto. Já *rio Grande* é uma referência à Revolução Federalista, que já ocorria no Rio Grande do Sul desde fevereiro do mesmo ano, e *Custódio* era



uma referência à Revolta da Armada, cujo líder era o Almirante Custódio de Melo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos constatar, conforme o sistema narrativo de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, todas as inter-relações humanas são de alguma forma envolvidas e reguladas por interesses políticos, até mesmo as simples relações de trabalho, reafirmando o que Aristóteles (384 - 322 a.C.) já afirmara em sua obra *Política*.

No romance analisado também percebemos que o interesse pelos cargos públicos nem sempre aparece para fazer uma boa administração que venha a favorecer a todos de um modo geral, mas sim, pura e simplesmente, na busca pelo poder, de modo que aos políticos interessa mais manter os mais carentes na mais profunda miséria e ignorância, garantindo assim seu domínio sobre os currais eleitorais.

Se surge alguém com pensamento diferente, como foi o caso de Quaresma, logo é rechaçado e perseguido pelos políticos tradicionais, sobretudo quando se trata de política local, que é a que mais tem conhecimento das mazelas da população carente.

Como em seu outro romance, *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, Lima Barreto expõe também no texto analisado o envolvimento da imprensa, defendendo seus próprios interesses junto ao mundo político. É notório e indiscutível que a imprensa tem um importante papel em relação à política, de modo que ambas devem obrigatoriamente coexistirem, porém, quando aquela coloca seus próprios interesses acima da importância de sua imparcialidade, defendendo ou atacando um lado em detrimento do outro, deixa de exercer seu papel, passando a prejudicar a própria democracia em geral.

Em sua época o escritor chamou a imprensa de *O Quarto Poder fora da Constituição*, mas nas últimas eleições pudemos testemunhar o surgimento de um *Quinto Poder*, o poder das chamadas *redes sociais* que, mesmo sofrendo campanhas e ataques que buscavam minar sua credibilidade, conseguiram se sobressair em relação à imprensa tradicional.

Por fim, de certa forma, o legado que Quaresma nos deixa, até pelo contraste de seu pensamento e ações em relação aos que o rodeiam, é que a política só desempenhará seu papel fundamental quando todos, cidadãos e políticos, entenderem que exercê-la é colocar o bem comum acima dos interesses individuais, assim como esclarece a própria etimologia da palavra. Como vemos no romance, substantivos como *inimigo*, *adversário*, *rival*, *opositor*, *desafeto etc.*, utilizados junto ao adjetivo *político*, são tão prejudiciais quanto *apadrinhamento*, *protegido*, *pistolão etc.*, pois ambos os grupos de palavras denotam benefícios para uns e prejuízo para outros.

Como já defendera Moacir Scliar em artigo sobre o personagem (2001), se sabemos desde o título do romance que Quaresma terá um triste fim, os ideais que o personagem representa, especialmente em contraste com os interesses mesquinhos daqueles que o rodeiam, permanecem. No entanto, apesar dessa visão pessimista da política brasileira, a fala da personagem Olga, a afilhada de Policarpo, no final do romance, projeta a esperança em tempos melhores no futuro: - Esperemos mais!

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. H. de Lima. **Clara dos Anjos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ridel, 2011a.

BARRETO, A. H. de Lima. **Os Bruzundangas; Incluindo Outras Histórias dos Bruzundangas**:



texto integral. São Paulo: Ática, 2001. (Série Bom Livro).

BARRETO, A. H. de Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Coleção MC Clássicos de bolso: literatura em língua portuguesa; 3).

BARRETO, A. H. de Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 5ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2011b. (Coleção a obra-prima de cada autor; 23).

BASTOS, Winter. **Afonso Henrique de Lima Barreto**. Disponível em: <https://www.anarquista.net/afonso-henriques-de-lima-barreto/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

ENGEL, Magali Gouveia. Parte I: Lima Barreto (1881-1922). In; ENGEL, Magali Gouveia. **Crônica Cariocas e Ensino de História**. Rio de Janeiro: 7letras, p. 13-83, 2008.

GOMES, Laurentino. **1989: Como um Imperador Cansado, um Marechal Vaidoso e um Professor Injustiçado Contribuíram para o Fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Globo Livros, 2014.

HOSSNE, Andrea Saad. Lima Barreto: a forma da angústia. **Cult: Revista Brasileira de Cultura**. Ano VII, nº 63. São Paulo: Editora 17, p. 50-57, novembro 2002.

JÚNIOR, Arnaldo Franco. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ª ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, p. 33-51, 2009.

LOPES, Ana Cristina M.; REIS, Carlos. **Dicionário de Narratologia**. 7ª Edição. Coimbra: Edições Almedina AS, 2007.

MATA, Anderson Luís Nunes da. Representação e Responsabilidade na Narrativa Brasileira Contemporânea. In:

DALCASTAGNÈ, Regina; THOMAS, Paulo C. (Orgs.). **Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea**. Vinhedo: Editora Horizonte, p. 211-216, 2011.

SCHWARCZ, Lília. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCLIAR, Moacir. Triste fim, gloriosa permanência. IN: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA Jr., Benjamin. **Personae: grandes personagens da literatura brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, p. 101-118, 2001.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SOUZA, E. M. A representação dos interesses políticos em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 1, p. 136-145, 2020.